

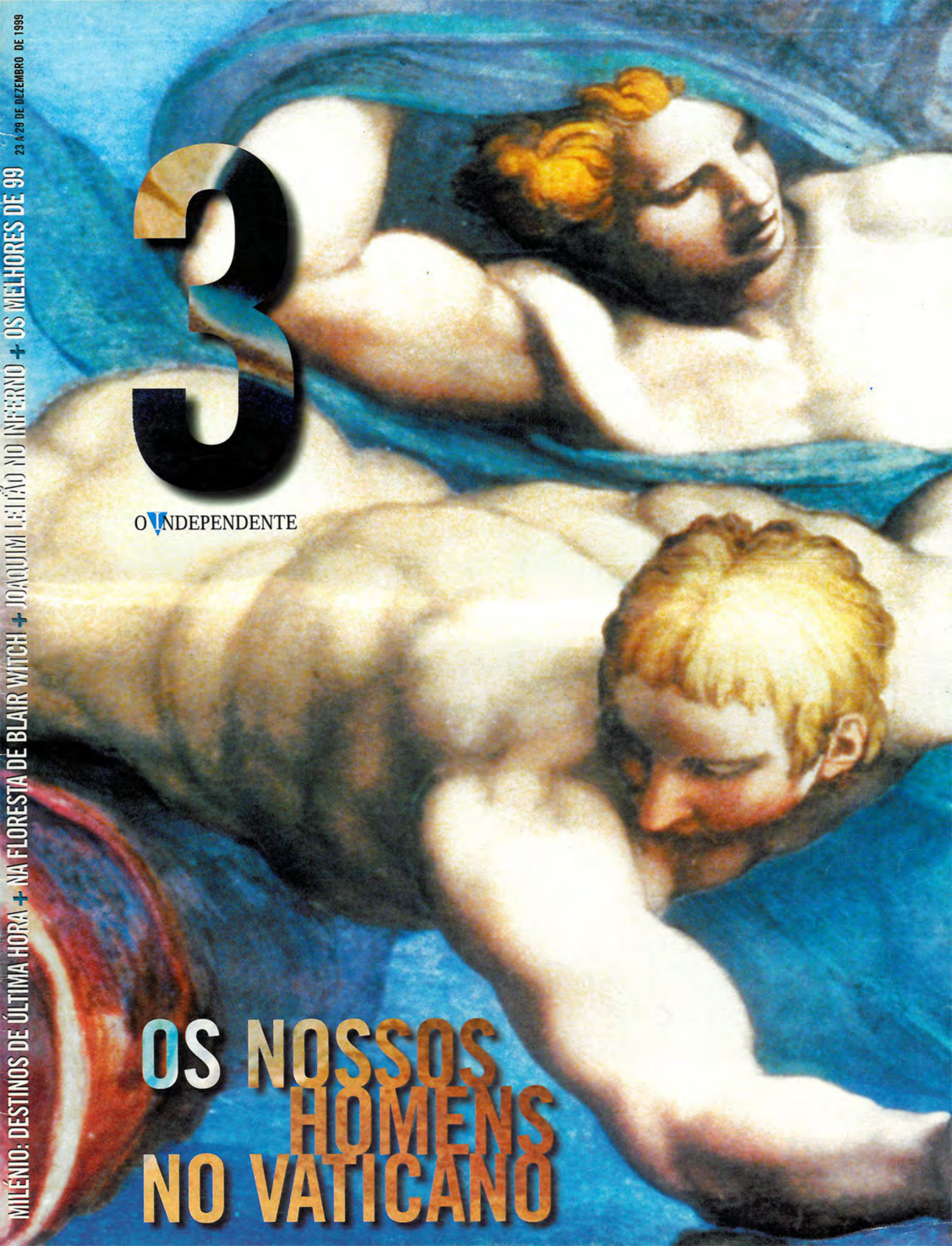
MILÊNIO: DESTINOS DE ÚLTIMA HORA + NA FLORESTA DE BLAIR WITCH + JOAQUIM LEIÃO NO INFERNO + OS MELHORES DE 99

23 A 29 DE DEZEMBRO DE 1999

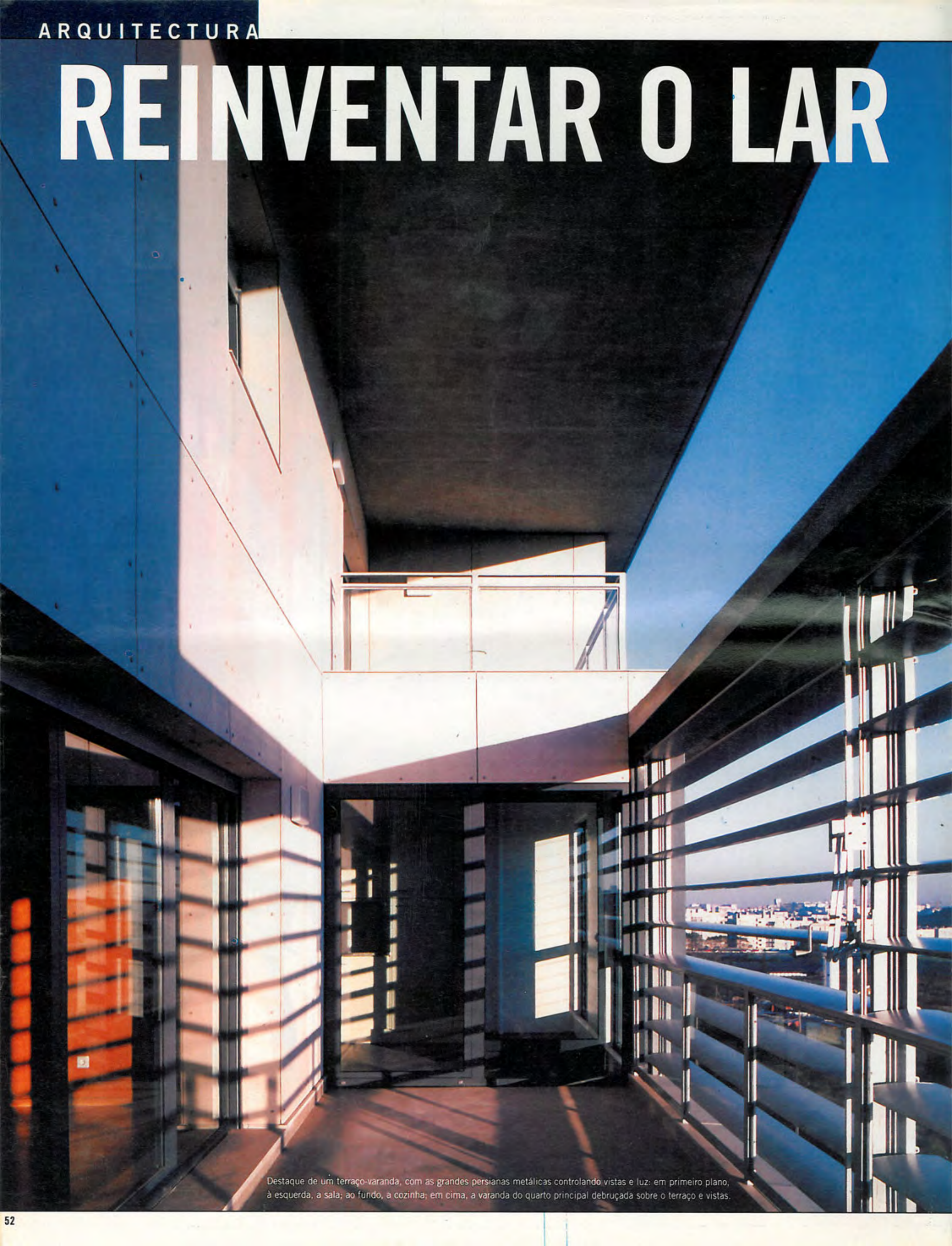
3

O INDEPENDENTE

OS NOSSOS HOMENS NO VATICANO



REINVENTAR O LAR



Destaque de um terraço-varanda, com as grandes persianas metálicas controlando vistas e luz: em primeiro plano, à esquerda, a sala; ao fundo, a cozinha; em cima, a varanda do quarto principal debruçada sobre o terraço e vistas.



Destaque da fachada, com os terraços-varanda de duplo pé-direito em primeiro plano.

Planta de pisos-tipo dos apartamentos

- 01. vestíbulo
- 02. quarto
- 03. sala
- 04. terraço-varanda



OS ARQUITECTOS

Desde 1988, o grupo Promontório – João Perloiro (Lisboa, 1962), João Luís Ferreira (Lisboa, 1963), Paulo Perloiro (Lisboa, 1964), Paulo Martins Barata (Lisboa, 1965), Pedro Appleton (Lisboa, 1970) – procura conciliar a crescente dimensão da encomenda comercial e uma poderosa carteira de clientes, nomeadamente o grupo Sonae, com uma postura crítica que julga indispensável para a Arquitectura.

São todos licenciados pela Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. No âmbito da investigação e crítica, destacam-se João Luís Ferreira, articulista em revistas de áreas tão diversas quanto a Filosofia, Arte e Ambiente, e Paulo Martins Barata, mestre em gestão de empresas pela University of Edinburgh School of Management, doutorando no Swiss Federal Institute of Technology Zurich (ETH), Fulbright Visiting Scholar na New York Columbia University (1997) e recentemente Cass Gilbert Visiting Faculty na Minnesota University, com colaborações em diversas publicações especializadas nacionais e estrangeiras (“Lotus”, “Arq” e “Daidalos”), e o livro “Álvaro Siza 1954-1976”, publicado em 1988.

Entre diversos acordos, parcerias e colaborações, destaca-se o apoio ao projecto e construção do Oceanário de Lisboa (Peter Chermayeff, Cambridge Seven Associates Inc). Com uma vintena de colaboradores, constituem hoje um dos maiores ateliers da sua geração. Vivem e trabalham em Lisboa. JBR

Em local improvável - Carnide, junto à segunda circular -, um edifício de apartamentos desenhado pelo grupo Promontório permite opções para todos os desejos familiares. Um espaço sereno

JOÃO BELO RODEIA

O espaço é uma das questões mais complexas da Arquitectura. Se é certo que muitos tendem a considerá-lo como algo abstracto, preexistente e infinito, quase sempre no âmbito de outras disciplinas, não é menos certo que deveriam antes equacioná-lo como algo concreto, claro e limitado. O espaço disciplinar da Arquitectura constrói-se a partir das acções do homem e do mundo sobre a terra (e vice-versa), compreendendo limites e especificando lugares. Deste modo, enquanto acto primordial da Arquitectura, o homem habita e, por isso, cada um e todos os

edifícios deveriam demonstrar um único lugar sobre a nossa terra comum.

Vem isto a propósito deste edifício de apartamentos, desenhado pelo grupo Promontório para uma cooperativa de habitação. A tarefa adivinhava-se muito difícil e complexa. Tratava-se dum local na margem da segunda circular de Lisboa, em Carnide, agravado pela presença do eixo viário norte-sul e a omnipresença do cone do aeroporto (com a presença latente dos aviões). Depois, estava-se em presença de um lote com regras exactas, incluindo implantação e volumetria predefinidas, vizinho a conjuntos de grandes dimensões. Por fim, e não menos importante, pretendiam-se 48 apartamentos em treze pisos, de diferentes dimensões e capazes de responder, a custos controlados, aos diversos desejos de 48 famílias.

A resposta do projecto é hercúlea, tranquila e precisa. Interpretando o previsível impacto, a intriga espacial equaciona-se em duplo gesto. Por um lado, o território demonstra-se poeticamente na forte intensidade dos limites estabelecidos e, porque vibrantes, permitem-se como resíduo espacial nessa pulsação. Assim, entre público e privado, gera-se a presença membranosa dos terraços-varanda ou, reduzindo-os, as pautas recuadas dos restantes planos de fachada. Por outro lado, como um recipiente aberto, as diferentes combinações de tipologias – entre T2 e T5, em simplex e, sobretudo, em duplex – procuram pentear-se a partir da sua lógica específica e daquela presença envolvente, sob o protagonismo dos terraços-varanda. O todo, apesar de plural, mantém-se denso e uno, manifestando em primeiro plano a escala deste mundo singular e, num segundo, as escalas e as diferentes vidas domésticas.

Para isso, a acção da materialidade é in-

contornável. Ampliando o todo, emerge homogénea e dura entre os elementos estruturais de betão aparente, nos revestimentos em placas de Eternit cru e nas grandes persianas Llami de alumínio. Estas, multiplicando o todo, permitem diferentes manipulações de acordo com os diversos quotidianos, tal como o carácter dos restantes vãos dependem da natureza a que estão associados. Porém, no interior, utilizando a oferta banal do mercado, materialidade e detalhes associam-se ao doce conforto doméstico e a um quadro de opções equacionadas para os múltiplos desejos familiares. Aliás, a outro nível, estes desejos manifestam-se também na vontade evidente pela moradia unifamiliar que, não sendo nova, vem mais uma vez ao encontro do desejo ancestral do lar, agora equacionado num contexto urbano massificado e, nestas condições, de modo exemplar.

No final da visita, lembrei-me das palavras sensatas de Albert Jacquard. No projecto do amanhã, o arquitecto tem a responsabilidade de construir lugares onde os homens se encontrem e vivam. Por isso, para além de resolver com elegância cada problema colocado e de lhe encontrar soluções práticas e estéticas concretas, é incontornável a interrogação essencial, aquela que orienta fundamentalmente a sua imaginação: será a minha obra capaz de ajudar os homens do amanhã a serem mais serenos?



Exemplo-tipo da área de distribuição dos apartamentos: simplicidade e rigor, com abundância de madeiras de faia (pavimento flutuante, portas folheadas, rodapés, guardas e degraus maciços).